

GUERRAS, BARRICADAS E TRABALHO INFANTIL: A TRISTE REALIDADE DAS CRIANÇAS NA POESIA DE VICTOR HUGO

DANIELA MANTARRO CALLIPO *

MARIELE BROLLO CAVALCANTE **

RESUMO

Apesar de ter descrito, em muitos de seus versos, a infância como um período de beleza e alegria, Victor Hugo também se serviu de seus poemas para alertar contra as péssimas condições em que viviam as crianças, vítimas de guerras, do trabalho árduo e, principalmente, do descaso daqueles que enriqueciam por meio da exploração infantil. Neste artigo, pretende-se analisar três poemas de Victor Hugo nos quais o direito à liberdade e à própria vida é discutido e lembrado. A conclusão a que se chega é a de que a poesia hugoana é um instrumento de denúncia e de conscientização.

PALAVRAS-CHAVE: Victor Hugo; Guerras; Trabalho infantil; Denúncia; Poesia francesa.

O criador de Gavroche e Cosette, Victor Hugo, começa sua carreira na literatura rompendo com as tradições. Os temas clássicos aos quais a literatura francesa ainda estava presa não permitiam que poemas e romances em favor de mulheres, crianças e trabalhadores fossem feitos; na realidade, o romantismo, intentado por Hugo e outros intelectuais do início do século XIX, abre portas para temas muito mais complexos do que o Classicismo poderia imaginar, dentre eles, a infância, que o escritor prezava e queria descrever, revelando o que nela havia de mais aterrorizante e prazeroso (Juin, 1985, p. 46). Para isso, serviu-se, em suas obras, de temas como a exploração do trabalho infantil, o

* Doutora em Língua e Literatura Francesa pela USP, docente de Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da FCL da UNESP/Assis. E-mail: danielacallipo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6998-0030>

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da FCL da UNESP/Assis. E-mail: mariele.brollo@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1386-9923>

abandono – tanto por parte da família, quanto do governo – além de enfatizar a inocência das crianças e transmitir sua fé inabalável nos pequenos: “A criança é a promessa de um mundo melhor” (Juin, 1985, p. 48, trad. nossa).

É preciso lembrar que o conceito de infância, na época em que Hugo escrevia, era completamente diferente daquele existente hoje; por isso, as condições sociais de cada época são fatores fundamentais para compreensão do seu significado (Castro, 2010, p. 3). No final do Setecentos, já não prevalecia o imaginário medieval de que a criança era um pequeno adulto, pois graças à influência de Rousseau, autor do *Emílio, ou da Educação* (1762), ela, que sofria grande descaso social, passa a ser *vista* e as condições em que é educada são discutidas. Mesmo assim, a exploração do trabalho infanto-juvenil continuava a ser um problema, porém, desta vez, não mais por causa do conceito errôneo do que é ser criança, mas pela ganância daqueles que viam a criança pobre como um obstáculo, já que era considerada delinquente.

No presente artigo, ao analisarmos os poemas “L'enfant” (1829), “Sur une barricade, au milieu des pavés” (1872) e “Les enfants pauvres” (1877), bem como ao nos debruçarmos sobre uma gama de teorias e fatos históricos, pretendemos compreender a força da poesia hugoana, como instrumento de denúncia das mazelas infantis na história da França.

Victor Hugo celebrou a beleza da infância em vários poemas, mas também denunciou a triste condição das crianças pobres em seus romances, em inúmeros versos e discursos contundentes. A situação delas não era nada fácil na primeira metade do século XIX, pois deviam trabalhar de oito a doze horas por dia, assim que completassem dez anos de idade. O poeta protestou contra essa falta de humanidade, sendo o primeiro intelectual francês a defender que era necessário criar leis para protegê-las. Em seu discurso na tribuna da Assembleia Nacional, em 1850, ele preconiza que a instrução primária obrigatória é um direito sagrado da criança (Hovasse, 2020, p. 69).

No entanto, se o trabalho era imposto e o estudo um privilégio de poucos, algumas crianças não tinham direito nem à liberdade, como se vê no poema XVIII das *Orientais* (1829), intitulado “L'enfant”. Nele, é descrito o massacre de Quios, episódio cruel ocorrido por ocasião da guerra de independência da Grécia, no qual o exército turco-otomano atacou o povo grego, que se rebelava após quatro séculos de dominação. Várias foram as tentativas de motins, mas, em 1821, o levante conquistou a adesão popular e

entusiasmou o liberalismo internacional, estimulando filelenos não somente a apoiar os gregos, mas também a participar dos combates como voluntários (Hobsbawm, 2012, p. 89). Em 1822, um exército de 10.000 turcos invade a ilha e extermina 25.000 civis, dentre os quais, mulheres acima de quarenta anos e crianças abaixo de 2 anos. Os sobreviventes foram vendidos como escravos¹.

No Salão de 1824, Delacroix expõe o quadro *Scènes des massacres de Scio*:



Fig 1 - *Familles grecques attendant la mort ou l'esclavage*. Fonte: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010065870>

Observe-se, no quadro terrível, a figura do bebê à direita, sobre a mãe morta. À esquerda, atrás do casal em primeiro plano, duas crianças maiores se abraçam. Elas não sabem, ainda, qual será seu destino, se a morte ou a escravidão, segundo o título escolhido por Delacroix. Assim como elas, o menino do poema hugoano sobrevive após a passagem dos turcos, que deixaram um rastro de luto e ruína. Diferentemente delas,

¹ *L'Album*, 28 fev. 1823, p. 426. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61392334/f16.item.r=massacre%20de%20Scio>. Acesso em 15/02/2024.

porém, ele está sozinho, perto de um muro escurecido. No passado, jaz a beleza daquele lugar cercado de uma natureza idílica; no presente, tinge-se de cor de sangue o mar Egeu.

O poema é composto de seis sextilhas heterométricas e trirrímicas. Alexandrinos e octossílabos intercalam-se dando movimento aos versos: os longos e clássicos dodecassílabos exigem uma leitura lenta, pausada, são ideais para se narrar um momento histórico tão grave; os versos de oito sílabas, por outro lado, são os mais usados na poesia popular da França (Faleiros, 2006) e conferem simplicidade e um ritmo marcante ao poema.

Na primeira estrofe, o contraste se estabelece entre o presente e o passado daquela ilha: após a invasão turca, só se viam destruição e morte, mas, antes dela, a beleza e a tranquilidade grassavam. O primeiro verso traz duas informações trágicas: “Os Turcos passaram por ali. Tudo é ruína e luto²” (Hugo, 1966, p. 101, trad.livre), que já preparam o leitor para o ambiente de desolação com o qual ele irá se deparar. Nos versos seguintes, o eu lírico descreve aquela região, conhecida como a “ilha dos vinhos” que, outrora, era tão bela, mas se tornou, por causa dos incêndios provocados pelos otomanos, desprovida da sombra dos carpinos. Já não se veem o reflexo da floresta no mar, seus belos palácios e um coro de moças dançando; a ilha paradisíaca está reduzida a um escolho sombrio. A anáfora ocorre por meio da repetição de “Chio”, nos versos 2, 3 e 4: *Chio*, a ilha dos vinhos, é apenas um recife umbroso, / *Chio*, que as alamedas sombreavam / *Chio*, que nas ondas refletia seus grandes bosques³” (Hugo, 1966, p. 101, trad. livre) que enfatiza o lamento do eu lírico diante de tamanha destruição.

Na segunda estrofe, surge a figura de uma criança grega, de olhos azuis, que pende a cabeça humilhada. O garoto se refugia em um espinheiro branco que escapou, como ele, da grande devastação. A árvore, símbolo da vida, acolhe-o e o protege. Aquele belo quadro contrasta com o restante da paisagem destruída e pode remeter à esperança, ao início de um novo ciclo, em que a paz, representada pelas florzinhas brancas, e a inocência, enfatizada pela cor da íris do menino, fundem-se e comovem o eu lírico, diante daquela criança que chora, com os pés descalços sobre as pedras. Na terceira estrofe, o eu poético dirige-se ao menino e lhe pergunta o que ele pode fazer para secar as lágrimas

2 No original: “Les Turcs ont passé là. Tout est ruine et deuil” (Hugo, 1966, p.101).

3 “Chio, l’île des vins, n’est plus qu’un sombre écueil,/Chio, qu’ombrageaient les charmilles/ Chio, qui dans les flots reflétait ses grands bois” (Hugo, 1966, p. 101).

que escorrem dos seus olhos azuis: “[c]omo o céu e como a onda” / Para que naquele azul, de lágrimas tormentoso / Passe o vivo clarão da alegria e das brincadeiras”⁴ (Hugo, 1966, p. 101, trad. livre) , a fim de ajudar a erguer a sua cabeça loira. As exclamações presentes na estrofe reforçam a estupefação do eu lírico diante do estado daquele garoto: “Ah! pobre criança, os pés nus sobre as rochas angulosas! Céus!”⁵ (Hugo, 1966, p. 101, trad. livre). O compadecimento cresce à medida que ele se aproxima do menino angelical, loiro e de olhos azuis, abandonado e entregue à própria sorte.

Na quarta estrofe, o eu lírico dirige-se à “bela” criança e insiste em ajudá-la, indagando o que ela quer e o que é preciso lhe dar para que seus cabelos voltem a cair alegremente em cachos sobre a sua branca espádua, já que eles não sofreram a “afronta do ferro”. A aliteração em [r], presente nos versos originais e que tentamos preservar na nossa tradução: “Esses cabelos, que do ferro não sofreram a afronta/ E que choram desarrumados em torno de tua bela frente”⁶ (Hugo, 1966, p. 101, trad. livre) é desagradável, como a imagem que evoca, aquela dos cabelos que “choram”, em desalinho, emoldurando a frente do menino, como se fossem um “salgueiro chorão”, já que ele está com a cabeça baixa, “humilhada” (Hugo, 1966, p. 101). Ao erguê-la, demonstrando esperança e altivez, os cachos voltarão a cair sobre seus ombros, embelezando-o. O eu lírico quer tirar a criança dessa situação de desalento, expressando empatia e solidariedade. Na estrofe seguinte, ele insiste em ajudá-la, perguntando quem poderia dissipar suas tristezas nebulosas e lhe oferecendo agrados, tal qual uma flor de lis azul, como os olhos do menino, que cresce na borda de um poço sombreado, ou o fruto de uma árvore tão grande, que um cavalo em galope levaria cem anos para sair de sua sombra. As interrogações presentes na estrofe remetem à tentativa de um diálogo que o eu lírico gostaria de estabelecer com o garoto, a fim de tirá-lo daquela prostração, mas o menino continua em silêncio.

Na sexta e última estrofe, o eu poético persiste em sua tentativa de animar a

4 “Comme le ciel et comme l’onde,/Pour que dans leur azur, de larmes orageux,/Passe le vif éclair de la joie et des jeux” (Hugo, 1966, p. 101).

5 “Ah! pauvre enfant, pieds nus sur les rocs anguleux!/Hélas!” (Hugo, 1966, p. 101).

6 “Ces cheveux, qui du fer n’ont pas subi l’affront,/ Et qui pleurent épars autour de ton beau front” (Hugo, 1966, p. 101).

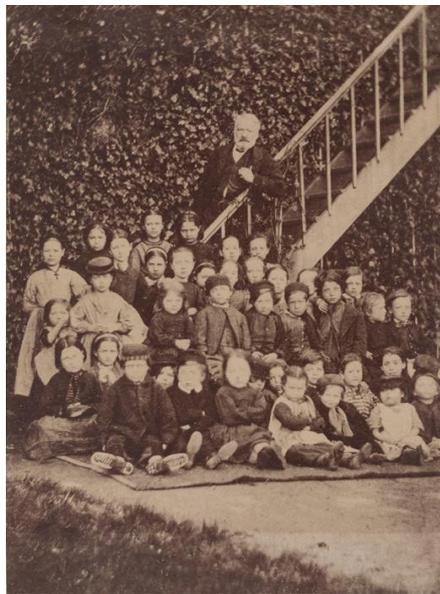
criança, oferecendo-lhe, em troca de um sorriso, um belo pássaro da floresta, cujo canto seria mais suave que o do oboé e mais retumbante do que um címbalo. Ele insiste: “Que quer você? flor, belo fruto ou pássaro maravilhoso? / Amigo, diz a criança grega, diz a criança de olhos azuis / Eu quero pólvora e balas”⁷ (Hugo, 1966, p. 102, trad. livre). A resposta inesperada surpreende o leitor, porque contrasta com a imagem que o eu lírico descreve: a criança é loira, seus cachos caem sobre seus ombros, seus olhos são azuis, ela se abriga sob uma árvore de florzinhas brancas, e tudo isso remete à tradicional figura de um anjo. Mesmo sendo a paisagem desoladora, e que lágrimas escorram sobre a face do menino e ele demonstre tristeza, a presença do eu lírico, que lhe dirige a palavra e oferece possibilidades de distração e alegria, faz pensar que o garoto reagirá àquela violência como uma criança, aceitando a oferta, esquecendo a tragédia e recuperando a vontade de viver. A epígrafe retirada de *Macbeth*, contudo, anuncia que não haverá esperança: “O horror! horror! horror!” cria um diálogo com a peça shakespeariana, escrita como uma reação à “tirania, à usurpação do trono e à violação da soberania humana e divina” (Ludwig, 2008, p. 18), elementos presentes tanto no massacre de Quios, como no poema.

A resposta do menino, que chama o eu lírico de “Amigo”, coloca-o na mesma posição do adulto. Ele não o trata como “senhor” e, nesse caso, o vocativo não se caracteriza como falta de respeito, mas como perda da infância. Aquele garoto se torna adulto assim que os turcos invadem Quios, incendiando a ilha, matando sua família e seus camaradas, por isso ele recusa as oferendas delicadas como a flor, o fruto e o pássaro. Como seu pai, seu tio, seu irmão mais velho, ele deseja obter pólvora e balas, para vingar o povo grego e, talvez, impedir outros assassinios. Note-se que ele usa o presente do verbo querer, “je veux” em vez do futuro do pretérito “je voudrais”, mais comum em situações nas quais é necessário pedir algo para um estranho. Naquela ilha, já não existe espaço para cortesias e formalidades, o menino-adulto tem pressa, a raiva o consome, o desejo de vingança é a força que o impulsiona.

“L’Enfant” é, portanto, um poema que apresenta os contrastes entre o passado e o presente, a beleza e a destruição, a vida e a morte, mas, sobretudo, expõe o aniquilamento da inocência e, por conseguinte, da infância.

7 Que veux-tu ? fleur, beau fruit, ou l’oiseau merveilleux ?/– Ami, dit l’enfant grec, dit l’enfant aux yeux bleus,/Je veux de la poudre et des balles. (Hugo, 1966, p. 102).

Segundo Hubert Juin (1985), Hugo é o primeiro escritor que faz a criança surgir na poesia francesa, porque ele, de fato, se preocupava com sua educação e almejava protegê-la da miséria: “[d]efensor feroz do ensino laico, gratuito e obrigatório, [ele] acredita que é preciso dar à criança conhecimento, livros, o saber, enfim. (Juin, 1985, p. 47, trad.nossa)⁸. Em Guernesey, ele oferece, semanalmente, um almoço às crianças pobres daquela ilha, chegando a receber quarenta meninos e meninas de uma só vez (Fig. 02). No Natal, oferecia-lhes presentes e guloseimas, enquanto discursava para os adultos, tentando convencê-los de que era preciso combater os “fortes e poderosos” que enriqueciam às custas do trabalho infantil (Juin, 1985, p. 48).



Fonte: <https://www.parismuseescollections.paris.fr/fr/maison-de-victor-hugo/oeuvres/victor-hugo-avec-les-enfants-pauvres-a-hauteville-house#infos-principales>

O segundo poema a ser analisado pertence à coletânea *L'Année Terrible*, publicada em 1872, que percorre o período conturbado compreendido entre a Guerra Franco-Prussiana e a Comuna de Paris. Nela, a criança, vítima dos horrores dos combates, também merece a atenção e a defesa de Victor Hugo, que acabava de voltar para a França:

⁸ “farouche défenseur de l'enseignement laïc, gratuit et obligatoire, estime qu'il faut donner à l'enfant la connaissance, des livres, le savoir enfin” (Hubert, 1985, p. 47).

em 1870, ele havia completado dezenove anos de exílio e Napoleão III, vinte e dois anos de governo, de início como presidente da II República Francesa (1848-1852) e, em seguida, após o golpe de estado, como imperador (1852-1870). Segundo Pinheiro (2011, p. 250), o confronto entre os dois países já estava anunciado havia quatro anos, desde a derrota da Áustria para a Prússia, por ocasião da guerra das Sete Semanas. Bismarck saiu fortalecido do combate, criando a Confederação Alemã do Norte em 1867, enquanto Napoleão III perdia prestígio junto à burguesia francesa; por essa razão, a derrota da Prússia permitiria ao imperador “restabelecer sua força política, reafirmar o seu projeto de dominação burguesa sobre esse país e articular a expansão da França como potência capitalista e imperialista” (Pinheiro, 2011, p. 250). Por causa da incompetência do imperador para criar estratégias bélicas, a Prússia conquistou a Alsácia e a Lorena e os suprimentos ficaram encalhados a longa distância da linha da frente de batalha: “[t]ornava-se visível que se exagerara imensamente a excelência do exército francês” (Robb, 2000, p. 422). Em agosto de 1870, a família Hugo deixou Hauteville-Hause e dirigiu-se para Bruxelas. O exército francês perdia forças. Finalmente, dezoito anos após o golpe de estado, Napoleão III capitulou em Sedan, onde foi cercado em 02 de setembro e conduzido à prisão, junto com 100 mil soldados de seu exército.

No dia 05 de setembro, Hugo entrou em Paris, sendo ovacionado por todos os passantes. A abdicação de Napoleão III, porém, não significou o fim da guerra: em 19 de setembro, Paris estava completamente cercada pelos prussianos: “Para rechaçar o inimigo, armas são entregues ao povo francês e com isso a Guarda Nacional incorpora em seu contingente mais 350 mil homens” (Barsotti, 2002, p. 34), dentre eles, centenas de adolescentes e dezenas de crianças.

O quadro à esquerda, de Edouard Paupion, chamado *La barricade de la rue Jeannin*, reconstitui um desses confrontos, em que uma minoria de soldados e voluntários franceses lutava contra o imenso exército prussiano. É possível observar um adolescente no segundo plano, entre dois homens; os três recebem fuzis e cartuchos de uma jovem (Fig. 03). No quadro à direita, intitulado “*La remise de la médaille militaire à l’élève Pichon en 1874*”, de Charles Crès, um rapaz de 16 anos recebe uma medalha por ter lutado na guerra franco-prussiana (Fig. 04).



Fig. 03 - Disponível em:
<https://www.laguerrede1870enimages.fr/page207.html>



Fig.04 - Disponível em:
https://storage.canalblog.com/39/30/1243198/121718131_o.jpg

No decorrer da Comuna de Paris, em 1871, os *Communards* se revoltam contra o governo de Thiers e, durante 72 dias, lutam contra as tropas de Versalhes, que desejam retomar o poder na capital. Na *semaine sanglante*, milhares de parisienses são massacrados; dentre eles, crianças que também lutam ao lado de voluntários: a partir dos 16 anos, idade legal, les *enfants-soldats* podem se tornar franco-atiradores, mas 8 crianças entre 12 e 16 anos foram registradas na Companhia da Guarda Nacional, por ocasião da Guerra Franco-Prussiana, e outros meninos de 14 anos combateram em batalhões, segundo o testemunho de policiais da época. Causa espanto a tropa dos “alunos da Comuna”, inteiramente composta por garotos de 11 a 16 anos (Deluermoz, 2011), que receberam roupas, armas e treinamento de guerra.

Victor Hugo retoma esse triste aspecto da Comuna de Paris no poema “Sur une barricade, au milieu des pavés”, que compõe a coletânea *L'Année Terrible*, de 1872, a qual percorre o período de agosto de 1870 a julho de 1871, sob o ponto de vista do vencido. O poeta dedica a obra a Paris, “capital dos povos”, com o objetivo de “contar o ano terrível” (Hugo, 1985, p. 33).

O poema está inserido na parte relativa ao mês de junho de 1871 e é composto por duas longas estrofes, que lembram dois paralelepípedos de uma barricada, com um verso intermediário de ligação. A primeira tem 18 versos e a segunda é maior, contando 23 versos. Todo o poema é construído com alexandrinos e rimas emparelhadas, mas a

segunda estrofe é concebida em um tom completamente diferente da primeira, na qual o diálogo entre um oficial e um garoto de 12 anos deixa o leitor aterrorizado diante de tamanha frieza e crueldade. A ilustração de Léopold Flameng, feita para a edição de 1879 de *l'Année Terrible* traz todo o horror do momento descrito no poema (fig. 05): o menino olha com altivez para aqueles que acabam de fuzilar seus camaradas. À esquerda, os soldados abordam a criança e, à direita, cadáveres se amontoam na calçada, contra um muro crivado de balas. No meio dos corpos, uma jovem continua em pé, mas parece desfalecida, ela mantém os olhos fechados, apóia-se contra o muro, enquanto o sangue dos mortos escorre sob seus pés.



Fig. 05. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4114508/f218.item.r=l'enfant%C3%A0%20la%20montre%20flameng#>

No poema “Sur une barricade”, o eu lírico expõe o que acontece em uma barricada, em meio aos paralelepípedos “sujos de um sangue culpado e lavados por um sangue puro”⁹ (Hugo, 1985, p. 175, trad. livre). Um menino de 12 anos, que lembra muito o Gavroche dos *Miseráveis*, é surpreendido por oficiais, provavelmente prussianos, ao lado de homens considerados por eles inimigos. Perguntada se está com eles, a criança responde afirmativamente e o oficial avisa que ela também será fuzilada e deve esperar a sua vez. O menino vê o brilho dos disparos e todos os seus companheiros caem por terra.

9 No original: “Souillés d’un sang coupable et d’un sang pur lavés,” (Hugo, 1985, p. 175).

Para a surpresa do militar, ele lhe pede permissão para entregar um relógio à sua mãe: “— Você quer fugir? — Eu vou voltar. — Esses delinquentes estão com medo! Onde você mora? — Ali, perto da fonte. E eu vou voltar, senhor capitão. — Suma daqui, moleque!”¹⁰ (Hugo, 1985, p. 175, trad. livre). Os soldados riem com o oficial, enquanto os feridos exalam seu último suspiro. No entanto, os militares se calam quando percebem que o garoto cumpriu sua palavra e voltou para junto deles, orgulhoso como Viala¹¹, colocando-se à disposição do oficial. Assim termina a primeira estrofe e, antes do início da segunda e última, temos um verso solitário que as separa: “A morte estúpida teve vergonha e o oficial concedeu-lhe a graça” (Hugo, 1985, p. 176, trad. livre)¹².

Esse verso isolado relaciona-se à estrofe seguinte, não somente porque ele rima com o verso que a inicia e lhe dá sequência, mas porque há uma quebra em relação à primeira estrofe, no que concerne ao tom do poema, como se ele fosse constituído por duas partes e esse verso tivesse a função de advertir o leitor e prepará-lo para a mudança que está por vir. A primeira estrofe tem poucas vírgulas, é composta por diálogos curtos e uma linguagem popular; é rápida, intensa, dramática, apesar dos dodecassílabos e dos dezoito versos.

A segunda estrofe, embora contenha os mesmos alexandrinos, tem 23 versos e não só é mais longa, como parece ser mais lenta, por causa da quantidade de vírgulas em vários versos, que exigem pausas na leitura, pausas estas adequadas para levar à reflexão, tanto do eu lírico, que almeja compreender a postura que o deixou perplexo, quanto do leitor, que também se surpreende com a decisão do menino: “Criança, eu não sei, em meio ao furacão que passa / E iguala tudo, o bem, o mal, heróis, bandidos, / O que a motivava nesse combate”¹³ (Hugo, 1985, p. 176, trad. livre). O eu poético afirma ser a

10 No original: “— Tu veux t’enfuir ? — Je vais revenir. — Ces voyous/ Ont peur ! Où loges-tu ? — Là, près de la fontaine./Et je vais revenir, monsieur le capitaine./— Va-t’en, drôle ! (Hugo, 1985, p. 175).

11 Joseph Agricol Viala (1778-1793), morto aos 15 anos, é conhecido como herói da Revolução Francesa.

12 No original: “La mort stupide eut honte, et l’officier fit grâce.” (Hugo, 1985, p. 176).

13 No original: “Enfant, je ne sais point, dans l’ouragan qui passe/Et confond tout, le bien, le mal, héros, bandits,/ Ce qui dans ce combat te poussait,” (Hugo, 1985, p. 176).

alma do garoto “ignorante” e “sublime”: “Bom e corajoso, você faz, no fundo do abismo / Dois passos, um em direção à sua mãe e outro, à morte” (Hugo, 1985, p. 176, trad. livre)¹⁴. A criança é magnífica e valente, pois prefere o muro sombrio, onde seus amigos foram mortos, “à fuga, à vida, à aurora, aos jogos permitidos / à primavera” (Hugo, 1985, p. 176, trad. livre)¹⁵.

A partir do décimo segundo verso da segunda estrofe, o eu lírico passa a expressar sua admiração pela bravura da criança com entusiasmo; entusiasmo este reforçado pela presença de exclamações, afirmando que a glória lhe beija a fronte e, se ele tivesse vivido na Grécia Antiga, Estesícoro teria encarregado o menino de defender um dos portões de Argos, Cinegiro afirmaria que eles eram iguais na coragem e ele seria admitido na categoria dos puros efebos, por Tirteu, em Messênia, e por Ésquilo, em Tebas. Seu nome seria gravado em um medalhão de bronze e ele faria parte daquele grupo que, quando passa perto de um poço sob a sombra de um salgueiro, faz com que a jovem que apoia em seus ombros o pote no qual búfalos ofegantes matarão a sede, volte-se para ele, pensativa, e o contemple por longo tempo.

A aliteração em [s] presente no verso “E tu serias como aqueles que, sob o céu sereno”¹⁶ (Hugo, 1985, p. 176, trad. livre) anuncia a última mudança no tom do poema, que se torna mais suave, dando-nos a impressão de que o eu lírico sussurra e descreve o que a imaginação evoca: a ninfa que transporta a outro plano, muito longe das barricadas, das mortes violentas e do sangue inocente que mancha as calçadas. Ela força o poeta a fazer uma pausa, a se distrair, a se permitir uma despreocupação hedonista; além disso, leva o poema a se desdobrar partindo de um discurso ideológico em direção a um discurso metaliterário. O verso que separa as duas estrofes pode representar a barreira entre esses dois universos, a barricada e o *locus amoenus*, ou pode ser a ponte que permite ao leitor ser transportado, juntamente com a criança, cuja vida foi poupada pelo oficial. Para Vignest (2012), a ninfa que se encontra, mais frequentemente, nos

14 No original: “Bon et brave, tu fais, dans le fond de l’abîme,/ Deux pas, l’un vers ta mère et l’autre vers la mort ;” (Hugo, 1985, p. 176).

15 No original: A la fuite, à la vie, à l’aube, aux jeux permis,/ Au printemps,” (Hugo, 1985, p. 176).

16 No original: “Et tu serais de ceux qui, sous le ciel serein,” (Hugo, 1985, p. 176).

versos hugoanos, é Galateia, a qual, sob o salgueiro, seria o emblema hugoano para o amor agreste, a comunhão com a *anima mundi*.

No poema, o menino passa e é observado pela jovem pensativa, que o contempla por longo tempo. A profusão de verbos no futuro do pretérito mostra que as ações ali descritas não aconteceram, de fato, mas se inscrevem em um tempo imaginado, longe de Paris e de uma realidade na qual crianças lutam em barricadas e são assassinadas. O eu lírico, ao destacar a coragem do garoto, desloca-o para um tempo e um espaço em que sua bravura seria reconhecida e valorizada, e ele seria educado e protegido.

O tema da criança pobre, esmagada pela ambição e indiferença do homem, surge, novamente, no terceiro e último poema a ser analisado aqui, “Les enfants pauvres”, da coletânea *L’Art d’être grand-père*, publicada em 1877, na qual Hugo celebra a vida dos netos Georges e Jeanne. O poeta sabe que nem todas as crianças, contudo, têm acesso à educação, ao carinho da família e a condições mínimas de sobrevivência.

Composto por cinco quartetos drrímicos cuja disposição é alternada, o poema “Les enfants pauvres” inicia com uma estrofe na qual o eu lírico avisa seu interlocutor, provavelmente um homem adulto, ser necessário tomar cuidado com o pequeno ser que é, na verdade, grandioso, porque Deus o habita. Segundo o eu poético, as crianças são luzes no céu azul, antes de nascer. A afirmação vai ao encontro da ideia de que as almas existem antes de encarnar e são uma forma da presença do espírito divino; portanto, é necessário compreender que a criança, apesar de sua aparente fragilidade, está em contato direto com o poder de Deus; explorá-la provocará a sua ira.

A aliteração em [t] e [d] evoca um som seco, quase desagradável, e lembra o trabalho dos menores nas fábricas e nas minas, contrastando com o vocabulário que remete ao sublime: “Tome cuidado com este miúdo ser / Ele é grandioso, ele contém Deus. / As crianças são, antes de nascer / Claridade no firmamento azul” (Hugo, 1985, p. 138, trad. livre)¹⁷. A antítese presente em “ce petit être; / Il est bien grand” denuncia a cegueira exploratória do adulto que enxerga a mão de obra barata, mas não é capaz de ver a real dimensão daquele pequeno ser.

Na segunda estrofe, o eu lírico afirma que as crianças nos são doadas por um Deus generoso, que coloca, em seu riso, sabedoria e, em seus beijos, o perdão. O verso: “Elas

17 No original: “Prenez garde à ce petit être;/Il est bien grand, il contient Dieu./Les enfants sont, avant de naître/Des lumières dans le ciel bleu” (Hugo, 1985, p. 138).

vêm; Elas são um dom de Deus”¹⁸ (Hugo, 1985, p. 138, trad. livre) sugere que as almas das crianças estão na presença divina e vêm para a Terra graças à bondade celestial. Tal perspectiva remete à metempsicose, segundo a qual existe “um deslocamento ou transposição das almas”: quando o corpo que elas habitam morre, elas vêm morar em “outro ser vivo, recém-nascido.” (Spinelli, 2013, p. 737). Hugo, particularmente, acreditava nessa teoria e, após a morte de seu filho Léopold, batiza a recém-nascida de Léopoldine, afirmando que a alma do bebê morto transmigrara para a menina.

A aliteração em [s], presente em “Deus no-las oferece em sua magnificência” e “Em seu riso ele coloca sua sabedoria” (Hugo, 1985, p. 138, trad. livre)¹⁹ evoca o sopro celestial, aproximando, ainda mais, Deus e a criança, que se torna um instrumento divino. Na terceira estrofe, o tom do poema se modifica e o eu lírico passa a mostrar a difícil situação desses pequenos seres explorados, cuja miséria entristece o paraíso: eles têm direito à felicidade, o que parece ser ignorado e, por essa razão, “se passam fome, o paraíso chora. / E o céu treme, se sentem frio”²⁰ (Hugo, 1985, p. 138, trad. livre). Observe-se a estreita ligação existente entre as crianças e o mundo espiritual e como seu sofrimento provoca nele um impacto imediato. Ao mesmo tempo, parece haver nesses versos um aviso de que toda a injustiça de que são vítimas está sendo testemunhada por um ente superior, cuja reação não tardará a surgir.

A presença do homeoteleuto em “leur”, “effleure”, “bonheur”, “pleure” reforça a expressividade do som [œr] que lembra o substantivo “heure” (hora) em francês, o qual pode remeter tanto ao período desperdiçado pelas crianças em fábricas e minas, período este que poderia ter sido consagrado ao estudo e às brincadeiras, quanto à passagem do tempo no próprio poema, que parte de uma advertência moderada a uma acusação contundente, como se o eu lírico estivesse avisando o explorador de que ele está provocando a fúria divina, o que se verá na quinta e na sexta estrofes.

A miséria da inocência Acusa o
homem corrompido

18 No original: “Ils viennent ; Dieu nous en fait don” (Hugo, 1985, p. 138).

19 No original: “Dieu nous les offre en sa largesse” e “Dans leur rire il met sa sagesse” (Hugo, 1985, p. 138).

20 No original: S'ils ont faim, le paradis pleure./Et le ciel tremble, s'ils ont froid. (Hugo, 1985, p. 138).

Que mantém o anjo em seu
poder
Oh! que trovada nas entranhas dos céus

Quando Deus, procurando esses seres frágeis
Que ele nos envia com asas,
Enquanto dormimos na penumbra,
Encontra-os com trapos
(Hugo, 1985, p. 138, trad. livre)²¹

A assonância nessas duas últimas estrofes, com a predominância dos fonemas [ã] e [õ], observada em “innocence”, “ange”, “puissance”, “fond”, “quand”, “cherchant”, “ombre”, “someillons”, “haillons” reforça a sensação de tristeza que toma conta do poema e simboliza a fúria divina diante da constatação de que os anjos inocentes por ele enviados ao mundo são encontrados com trapos, por causa da exploração do homem perverso.

As rimas antitéticas da quinta estrofe contrastam “innocence” e “puissance”, “vicieux” e “cieux”; e, ao mesmo tempo, aproximam “innocence” e “cieux”, “puissance” et “vicieux”, relacionando a criança a aspectos positivos e celestiais, enquanto as atitudes ambiciosas do homem são descritas de forma negativa. Elas fortalecem a sugestão de que as crianças são seres protegidos por Deus e os homens ambiciosos provocam a fúria divina ao explorar sua mão de obra. O vate torna-se um intermediário entre o plano terrestre e o deífico, advertindo o homem ganancioso de que ele está provocando a ira de Deus. Como em “L'enfant”, a poesia se torna instrumento de denúncia, ao mesmo tempo em que provoca a compaixão do leitor.

Por meio das análises acima, é possível observar que Victor Hugo não se cala diante das injustiças cometidas contra as crianças, as quais não possuíam seus direitos reconhecidos, nem respeitados. Vítimas da violência causada pelas guerras, ou exploradas por patrões inescrupulosos, elas se despedem, muito cedo, da infância, mas conservam a

21 No original: La misère de l'innocence/Accuse l'homme vicieux./L'homme tient l'ange en sa puissance./Oh ! quel tonnerre au fond des cieux,/ Quand Dieu, cherchant ces êtres frêles/Que dans l'ombre où nous sommeillons/Il nous envoie avec des ailes,/Les retrouve avec des haillons ! (Hugo, 1985, p. 138).

bravura e a conexão com o mundo espiritual. Infelizmente, embora esses poemas tratem dos problemas infantis do século XIX, eles ainda conservam sua atualidade e remetem a sofrimentos que as crianças do século XXI vivenciam.

WARS, BARRICADES AND CHILD LABOR: THE SAD REALITY OF CHILDREN IN VICTOR HUGO'S
POETRY

ABSTRACT: Despite having described, in many of his verses, childhood as a period of beauty and joy, Victor Hugo also used his poems to warn against the terrible conditions in which children lived, victims of wars, hard work and, mainly due to the neglect of the powerful, who became rich through child exploitation. In this article, we intend to analyze three poems by Victor Hugo in which the right to freedom and life itself is discussed and remembered. The conclusion reached is that Hugo's poetry is an instrument of denunciation and awareness.

KEYWORDS: Victor Hugo; War; Child labor; Complaint; French poetry.

GUERRAS, BARRICADAS Y TRABAJO INFANTIL: LA TRISTE REALIDAD DE LA NIÑEZ EN LA POESÍA
DE VICTOR HUGO

RESUMEN: A pesar de haber descrito, en muchos de sus versos, la infancia como un período de belleza y alegría, Víctor Hugo también utilizó sus poemas para advertir sobre las terribles condiciones en las que vivían los niños, víctimas de las guerras, el duro trabajo y, principalmente, del abandono de sus vidas. Los poderosos, que se enriquecieron gracias a la explotación infantil. En este artículo nos proponemos analizar tres poemas de Víctor Hugo en los que se discute y recuerda el derecho a la libertad y a la vida misma. La conclusión a la que se llega es que la poesía de Hugo es un instrumento de denuncia y toma de conciencia.

PALABRAS CLAVE: Víctor Hugo; Guerra; Trabajo infantil; Queja; Poesía francesa.

REFERÊNCIAS

BARSOTTI, P., LERNER, F e ORSO, J. P. (orgs.). *A Comuna de Paris de 1871 – história e atualidade*. São Paulo, Ícone Editora, 2002.

CASTRO, Michele Guedes Bredel de. *Noção de criança e Infância: Diálogos, reflexões, interlocuções*. Anais do seminário do 16º Cole. UFF. Rio de Janeiro/RJ, 2010.

DELUERMOZ, Quentin. Les gamins de Paris au combat? Les enfants-soldats sous la Commune de Paris (1871). *L'enfant-combattant*, Nov. 2010. Disponível em: https://shs.hal.science/halshs-00573760/PDF/Les_gamins_de_Paris_au_combat_.pdf. Acesso em 29/02/2024.

FALEIROS, Álvaro. Elementos para a tradução do octossílabo em português. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 7, p. 71-80. Disponível em: <file:///C:/Users/daniela/Downloads/49404-Texto%20do%20artigo-60660-1-10-20130108.pdf>. Acesso em 17/02/2024.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Trad. Maria L. Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2012.

HOVASSE, Jean-Marc. VICTOR HUGO ET LE DROIT DE L'ENFANT ». *Revue des deux mondes*, février 2020. Disponível em: https://www.revuedesdeuxmondes.fr/wp-content/uploads/2020/01/9_hovasse.pdf. Acesso em 11/02/2024. (p.68-76).

HUGO, Victor. *Les Orientales / Les Feuilles d'Automne*. Paris: Gallimard, 1988. HUGO, Victor. *L'Année terrible*. Paris: Gallimard, 1985.

HUGO, Victor. *L'Art d'être grand-père*. Paris: GF Flammarion, 1985.

JUIN, Hubert. Victor Hugo et les enfants. *Printemps*, nº 101, 1985. Disponível em https://cnlj.bnf.fr/sites/default/files/revues_document_joint/PUBLICATION_2876.pdf. Acesso em 21/02/2024.

LUDWIG, Carlos Roberto. *Tensões políticas e psicológicas em Macbeth e no drama de Shakespeare*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, 164 f.

PINHEIRO, Milton. A Revolução de 1871: construção histórica e cena política. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.25/26, p.248-259, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011. Disponível em: <https://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/milton-pinheiro.pdf>. Acesso em 20/02/2024.

ROBB, Graham. *Victor Hugo, uma biografia*. Tradução Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SPINELLI, Miguel. A tese pitagórico-platônica da metempsicose enquanto “teoria genética” da antiguidade. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 731-754, jul./dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/daniela/Downloads/admin,+ART+14+n+54.pdf>. Acesso em 23/02/2024.

VIGNEST, Romain. Les nymphes hugoliennes: entre récréation et contemplation. *Muses et nymphes au XIXe siècle*. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2012. Disponível em: <https://books.openedition.org/pub/19641>. Acesso em 15/03/2024.

Submetido em 24 de março de 2024

Aprovado em 06 de agosto de 2024

Publicado em 29 de setembro de 2024
